

OS TRÊS DA VIDA AIRADA / 1952

um filme de Perdigão Queiroga

Realização: Perdigão Queiroga / **Assistente de Realização:** Luís Miranda / **Argumento:** Manuel da Fonseca, Perdigão Queiroga / **Diálogos:** Manuel da Fonseca / **Poemas:** Eduardo Damas / **Fotografia:** Mário Moreira, Abel Escoto / **Décors:** Mário Costa / **Assistente de Decoração:** Mário Alberto / **Caracterização:** Aguiar de Oliveira / **Iluminação:** João de Almeida / **Som:** Enrique Dominguez / **Assistente de Som:** António Brás, Manuel Barão / **Música:** Vitor Bonjour / **Canções:** Manuel Paião, Eduardo Damas / **Orquestração:** Tavares Belo / **Assistente Geral:** Augusto Fraga / **Anotação:** Américo Patela / **Montagem:** Perdigão Queiroga / **Interpretação:** Milú (Lena), António Silva (Lucas), Eugénio Salvador (Lico), Vasco Morgado (Rui Seabra), Maria Luísa (Estrelas), Andrade e Silva (Renato), Mário Alberto (ensaaiador).

Produção: Lisboa Filme / **Chefe de Produção:** António Maduro / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, 98 minutos / **Estúdios, Laboratório e Distribuição:** Lisboa Filme / **Estreia:** Cinema S. Jorge, a 21 de Agosto de 1952.

O cinema de Perdigão Queiroga reflecte a influência do americano. No filme que veremos nesta sessão, esses sinais são ainda mais distintos. Aqui, o que se retoma é a trama tradicional da comédia musical que, de outra forma, marcara a estreia de Perdigão Queiroga na realização em **Fado**. Mas antes de aí chegarmos é preciso salientar um outro sinal da influência do cinema americano, e que tem a ver com a sua execução, em ritmo acelerado. **Os Três da Vida Airada** é, possivelmente, o filme que mais rapidamente se realizou entre nós. Pessoalmente não recordo outro exemplo de realização, montagem, sonorização e estreia pública num espaço de dois meses e meio. Mais concretamente, a rodagem teve início a 2 de Junho de 1952 e a estreia a 21 de Agosto do mesmo ano. E confrontando estes dados com o resultado final, a surpresa é ainda maior pois, se deficiências tem, está numa posição invejável em comparação com a esmagadora maioria da nossa produção dos anos 50. **Os Três da Vida Airada**, juntamente com **Sonhar é Fácil** mostram ainda hoje que se pode fazer, mesmo entre nós, um filme depressa, bem e barato. É no fim de contas a lição da série B, ou a do profissionalismo e modéstia. Não interessa aqui ajuizar o que poderia ter sido **Os Três da Vida Airada** noutro contexto ou com outro orçamento. O que Perdigão Queiroga nos mostra neste filme é suficiente para aquilatarmos do seu profissionalismo e do seu sentido de oportunidade. De novo, neste seu filme, Queiroga dentro do quadro do classicismo, sem procurar originalidades e seguindo os temas tradicionais da comédia musical, volta a ser diferente nos esquemas da nossa produção. Vejamos primeiro este último ponto.

Em **Os Três da Vida Airada** há uma faceta que adquire de imediato um relevo: a utilização dos exteriores e o aproveitamento da nova cara que Lisboa começava a ostentar. Neste aspecto é o contraponto do regresso ao campo apregoado em **Sonhar é Fácil**. Há um inteligente aproveitamento da nova urbanização em que a câmara parece respirar melhor numa forma que não me lembro de ter visto no nosso cinema. Os "gags" e a acção que decorrem em exteriores não tem o habitual carácter forçado de representação que nem mesmo Arthur Duarte

conseguiu evitar. Há um encadeamento quase natural entre acção e cenários e por vezes torna-se difícil distinguir o que foi ensaiado e o que foi apanhado ao natural. E é em exteriores num plano notavelmente bem dirigido que temos o que é um dos melhores "gags" do nosso cinema: o da táctica de António Silva e Eugénio Salvador para chegarem ao começo da bicha. E há também o excelente aproveitamento daquela que foi um dia a nossa melhor sala de espectáculos: o cine-teatro Monumental, onde Vasco Morgado representa o que se lhe colava à perfeição: o de empresário da sala de Teatro.

Mas **Os Três da Vida Airada** é, antes de mais, uma comédia que se quer musical. O ponto da partida não é especialmente imaginativo (aliás o argumento é banal, o que surpreende quando se vê o nome de Manuel da Fonseca no argumento e diálogos), mas isso importa pouco, como geralmente pouco importava a intriga nas comédias musicais americanas. Mais de dez anos antes já o **Pai Tirano** pusera em cena um daqueles grupos de teatro de associações recreativas e de forma talvez mais feliz, embora também mais limitada. António Silva, a sua afilhada Milú e o empregado e amigo Eugénio Salvador (também apaixonado por Milú) são também membros do grupo de teatro amador da associação do seu bairro. Por contactos profissionais (os dois homens são tipógrafos) entram no teatro Continental (Monumental). Os bastidores do teatro despertam o entusiasmo de Lico (Eugénio Salvador) que vê as fotos dos actores mudarem com o seu rosto e os dos seus amigos. Mais tarde, numa das sequências mais curiosas e bem conseguidas do filme Lico dança em frente do espelho cuja imagem acaba por adquirir autonomia. O reflexo no espelho que adquire autonomia não é original, mas vale a pena dizer em abono de Queiroga que, no ano seguinte, Yves Allegret daria uma cena semelhante a Fernandel em **Mam'zelle Nitouche** que, valha a verdade, é muito menos conseguida apesar de ser a cores.

A intriga vai seguindo a linha habitual do género de comédia em que se filia: os momentos musicais alternam com alguns "gags" e uma incipiente história de amor que vai ligar o empresário a Lena (Milú) com o sacrifício (!) de Lico que se entrega, como não podia deixar de ser, inteiramente ao espectáculo. O seu triunfo tem lugar no palco daquele teatro que o entusiasmara, contratado para a nova revista. E, como na comédia musical em que se inspira. **Os Três da Vida Airada** irá terminar com o grande momento, o número de fecho da revista. E se tivermos em conta a diferença de meios e o tempo de rodagem, o número não é de desprezar, apoiando-se numa música agradável de Victor Bonjour. Assim à primeira vista, este número musical explora algumas situações e ideias dos grandes números musicais que encerravam filmes como **An American in Paris** de Minelli e **Happy go Lovely** de Bruce Humberstone, dois filmes que estavam muito em voga na altura. Como nestes, e noutros, bailados este número final é também um resumo da história: o amor, a sua perda e a celebridade no mundo do espectáculo (também o, tema da Broadway Melody que encerrava **Singin' in the Rain**). Se ele não é inteiramente conseguido a responsabilidade não cabe a Eugénio Salvador ou a Perdigão Queiroga. Digamos que é de um fosso que técnica e economicamente é tão largo e profundo como o Atlântico.

Manuel Cintra Ferreira

Realizado no período declinante da comédia à portuguesa, **Os Três da Vida Airada** tem sido apresentado como um exemplo do estilo "triste, aburguesado e falso" (Luís de Pina) que marcou a crise do cinema português na década de 1950. Com discreto sucesso na época, o moralismo conservador do seu frágil enredo, as interpretações pouco naturais e a ausência do ritmo que caracterizara as melhores produções do género terão certamente contribuído para o seu eclipse posterior. No entanto, o filme de Perdigão Queiroga constitui um importante documento das importantes transformações da indústria do espectáculo em Lisboa no período

do pós-guerra e, em particular, do projecto de criação de uma nova revista, moderna e cosmopolita, no então recém-inaugurado Cine-Teatro Monumental, onde o empresário Vasco Morgado procurou emular os modelos da Broadway e do West-End e apresentar uma alternativa às produções tradicionais do Parque Mayer. O filme destaca-se ainda por abandonar os cenários típicos das anteriores comédias lisboetas, situando-se nas Avenidas Novas, com passagens pelo Aeroporto, a avenida marginal e o Estoril, multiplicando as sequências em exterior, pouco comuns na época. Construído a partir da oposição entre teatro amador e profissional, o filme acompanha a história de Lena (Milú) e Lico (Eugénio Salvador), actores numa pequena colectividade de bairro, onde são ensaiados por Lucas (António Silva). Rui Seabra (Morgado), empresário de um muito pouco ficcional Teatro Continental, apaixona-se por Lena e descobre o talento de Lico, contratando-o para se apresentar como bailarino na sua companhia. Variação sobre o tema do estrelato, na qual os actores jogam em permanência com a sua própria imagem pública, **Os Três da Vida Airada** vale sobretudo pelos inúmeros exercícios de desdobramento, como quando Eugénio Salvador reproduz, do "outro lado do espelho", movimentos à Gene Kelly ou Fred Astaire, e pelos cinco minutos finais, em que vemos Lico triunfar no palco do Monumental em dois números inspirados nas coreografias dos filmes de Vincente Minnelli e Bruce Humberstone, numa rara incursão do cinema português pelo território do musical americano.

Manuel Deniz Silva (Investigador do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança/INET-MD)

A sessão decorre no âmbito da exposição *Francis Graça, Dança, Esplendor e Sombras* - com curadoria de Luísa Roubaud (INET-MD), no Museu Nacional do Teatro e da Dança (MNTD), até 4 de Setembro - e resulta da parceria entre o MNTD, o INET-MD, a Cinemateca, e o Centro de Estudos em Artes Performativas (CEAP), inserida no Curso de Doutoramento em Dança da Faculdade de Motricidade Humana (Universidade de Lisboa).